

# UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA TÉCNICA DE SELEÇÃO E DE CITAÇÃO DE FRASES EM NOTAS DE RUI BARBOSA E FLORESTAN FERNANDES

## UNE ANALYSE DISCURSIVE DE LA TECHNIQUE DE SÉLECTION ET DE CITATION DE PHRASES DANS LES NOTES DE RUI BARBOSA ET FLORESTAN FERNANDES

Pâmela Rosin 1  
Luzmara Curcino 2

**Resumo:** Neste artigo empreende-se uma análise discursiva de anotações em folhas avulsas e em cadernos de notas que compõem os acervos de dois importantes intelectuais e políticos brasileiros do século XIX e XX, a saber, Rui Barbosa e Florestan Fernandes, com vistas a apreender dessas anotações indícios do emprego de uma técnica de leitura e de escrita, de longa duração, que consiste na leitura de textos, no destacamento de frases desses textos lidos, em seu registro, coleção e organização em rubricas para seu posterior e provável uso na escrita de outros textos. A partir da Análise do discurso e da História cultural, busca-se descrever certas especificidades e regularidades no uso dessa técnica, e de sua conformidade com certos discursos sobre essas práticas de leitura e de escrita, bem como com certas representações coletivas, histórica e culturalmente determinadas, do que é ser intelectual, leitor e autor, tal como inscritas nessas anotações.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Rui Barbosa. Florestan Fernandes. Frases Destacadas.

**Resumé:** Dans cet article, nous présentons une analyse discursive de notes sur des feuilles simples et dans des cahiers qui composent les collections de deux importants intellectuels et politiciens brésiliens des XIXe et XXe siècles, à savoir, Rui Barbosa et Florestan Fernandes, afin de déduire de ces notes des preuves d'utilisation d'une technique de lecture et d'écriture à long terme, qui consiste à lire des textes, à détacher des phrases de ces textes lus, à les enregistrer, à les rassembler et à les organiser en rubriques pour leur utilisation ultérieure et probable dans l'écriture d'autres textes. En s'appuyant sur l'Analyse du discours et sur l'Histoire culturelle, nous cherchons à décrire certaines spécificités et régularités dans l'utilisation de cette technique, comme inscrit dans ces notes, et leur conformité avec certains discours sur ces pratiques de lecture et d'écriture, ainsi comme certaines représentations collectives, historiquement et culturellement déterminées, de ce qui doit être un intellectuel, un lecteur et un auteur.

**Mots-clé:** Lecture. Écriture. Rui Barbosa. Florestan Fernandes. Phrases Détachées.

Doutora em Linguística pelo PPGL-UFSCar e Professora de Língua Portuguesa no Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5846619832430283>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7778-8874>. E-mail: [pamelasilvarosin@gmail.com](mailto:pamelasilvarosin@gmail.com) 1

Doutora em Linguística pela UNESP-FCLAr e Professora no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar. Coordenadora do LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4849994635754652>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3555-1446>. E-mail: [luzcf@ufscar.br](mailto:luzcf@ufscar.br) 2

## Introdução

“As coletâneas [de frases] provisionavam tanto a língua falada quanto a escrita e os alunos de nossos humanistas entravam na sociedade das pessoas de bem com a cabeça cheia de boas palavras, de citações pertinentes, de formas breves para cada ocasião” (ANNE MOSS, 1991).

“Sempre cultivamos o excerto. Para fins didáticos e de compreensão, o extrato funciona muito bem” (LEANDRO KARNAL, 2016).

Para autores, do passado e do presente, a leitura e a coleta de excertos junto a textos primeiros, para o seu uso na escrita de textos segundos, é uma prática corrente, embora as formas de empreendimento dessa coleta e suas finalidades intelectuais e práticas tenham variado. Essa prática duradoura não passou, portanto, pelas eras sem o crivo da história e da cultura. Ela variou, como toda prática cultural. Ela foi explorada e avaliada distintamente ao longo do tempo, de início, da Antiguidade clássica à Idade Média, como uma técnica de base, tradicional entre os que sabiam ler e escrever, concebida assim quase como um sinônimo dessas práticas. Ela então se torna a marca essencial da cultura humanista de prestígio durante o Renascimento europeu, tendo sobrevivido, atravessado oceanos, entre catecismos e rosários, como técnica de ensino da leitura e da escrita, e sobrevivido em sua função didática, de longa tradição escolástica e retórica, laicizada, nos planos de ensino Brasil até metade do século XX, para então ser, hoje em dia, amplamente mobilizada, em especial por jovens e nas redes sociais, em uma versão deslegitimada, ou em seu uso formal, reconhecido e regulado para finalidades acadêmicas.

É à análise de um momento e contexto específico de uso dessa técnica de leitura e de escrita, baseada no princípio da seleção de frases do texto lido, de sua coleção e de seu uso para a produção de um outro texto, a que nos dedicamos neste artigo. Nosso olhar se volta para o seu uso, entre a segunda metade do século XIX e ao longo do século XX, sob a forma de “anotações” em folhas e em cadernos que compõem o acervo de dois reconhecidos intelectuais brasileiros que se engajaram também na política nacional, o jurista Rui Barbosa e o sociólogo Florestan Fernandes. Para isso, apoiamos-nos em princípios gerais da Análise de discurso, segundo Michel Foucault, e do conceito de “destacabilidade” nos estudos empreendidos sobre esse procedimento discursivo por parte de Dominique Maingueneau. Também nos valem de considerações históricas de Roger Chartier, do âmbito da História Cultural da leitura, e de outros historiadores especializados nessa técnica, tal como ela foi atualizada em diferentes períodos históricos.

### **Ontem e hoje da técnica de ‘leitura-seleção’ e ‘escrita-citação’**

Essa técnica, a que nos dedicamos a analisar neste artigo, consiste, de antemão, e de modo geral, em ler com vistas a selecionar do que foi lido certos enunciados, que por seu conteúdo e forma ‘justificam’, ‘incentivam’ o seu recorte, e entesourá-los sob a forma de notas, em folhas ou em cadernos destinados especificamente para esse fim, como uma reserva preciosa para, posteriormente, abastecer textos da lavra desse leitor que colhe no campo que outro semeou, enunciados que podem ou não ganhar a luz do dia atualizados em um outro texto, não necessariamente de seu mesmo gênero de origem, não necessariamente para a mesma finalidade ou com o mesmo sentido que originalmente esses enunciados encontraram quando de seu uso primeiro. Nosso interesse por analisar esse procedimento de leitura e de escrita, seu funcionamento em relação ao contexto específico a que nos referimos, remontando a sua história, e às regularidades e variações de seus usos, se inscreve, de modo geral, no objetivo

comum das pesquisas realizadas no Laboratório de Estudos da Leitura - LIRE<sup>1</sup>, voltadas para a análise de discursos sobre a leitura e das representações tanto dessa prática como dos leitores que dela se valem, e que podem ser apreendidas da forma como os textos são produzidos, materializados e circulam entre nós, ou ainda do que é dito direta ou indiretamente, de forma exclusiva ou alusiva acerca dessa prática e dos sujeitos em sua relação com essa prática.

Tendo nos interessado e estudado, de início, essa prática de leitura e de escrita na atualidade, no modo como se popularizou nas redes sociais, o que parecia ser um fenômeno de nosso tempo tão fascinado pelos fragmentos, pela brevidade, resultante e motivado pelas novas tecnologias digitais de informação e de comunicação digitais, que afetaram as formas como nos informamos, nos relacionamos e nos comunicamos. Essa prática que estudamos anteriormente consistia no uso sistemático de frases destacadas de textos, em geral de obras e de autores consagrados, tanto no campo literário, filosófico como também religioso, e que eram apropriadas com a finalidade de serem usadas seja como epígrafes diárias das páginas pessoais dos participantes das redes sociais, seja como postagens pessoais, como se fossem comentários desses usuários da internet nessas redes, diante de certos temas pontuais. A frequência do recurso a essas frases tanto deu origem como proveio de repertórios digitais de frases, criados justamente para suprir essa demanda então em voga, e que ainda se faz presente, hoje.

Na pesquisa do funcionamento discursivo dessas frases destacadas<sup>2</sup> e de seus usos nas redes sociais, realizamos uma análise do modo peculiar de produção, formulação e circulação de um conjunto bem preciso de dados: de frases provenientes de obras (ou de proveniência atribuída a essas obras) de dois autores literários contemporâneos, Clarice Lispector e Caio Fernando de Abreu, sistematicamente empregadas em perfis de usuários prioritariamente jovens, na rede social *Facebook*, e para as quais também foram criadas páginas dessa rede social exclusivamente dedicadas a sua publicação. Na análise de seu funcionamento discursivo, dedicamos especial atenção às formas peculiares de exercício da 'autoria', e refletimos sobre a própria configuração que assumiu essas frases como um gênero discursivo específico, e ao qual intitulamos então *mensagens compartilhadas*<sup>3</sup>. Nossa análise recaiu tanto sobre as variações dos modos de sua formulação, ou seja, do modo como eram destacadas de seu texto de origem, de sua composição temática, formal, de sua articulação eventual com certas imagens etc., quanto sobre os comentários dos usuários dessas redes acerca dessas frases, seus efeitos e as avaliações que se fazia acerca de sua autoria.

Para a análise dessas "mensagens compartilhadas", constituímos nosso *corpus* de pesquisa elegendo aquelas relativas a enunciados advindos da obra dos dois autores literários contemporâneos, Clarice Lispector e Caio Fernando de Abreu, que contaram à época com uma predileção significativa e relativamente inusitada por parte do público jovem, usuário de internet. Com isso, enunciados que lhes eram atribuídos gozaram de uma ampla difusão nesse meio, em páginas que ora eram dedicadas exclusivamente à coleta e divulgação de frases desses autores, ora compunham o rol de frases advindas de diferentes obras e autores, sob a forma de miscelânea, e nas quais as frases desses escritores literários eram cotejadas com frases de escritores de outros campos como aquelas da roteirista Tati Bernardi, conhecida por seus de tom humorístico especialmente voltados para o público juvenil.

Os produtores e administradores dessas páginas eram os responsáveis pela seleção, adaptação, formulação, publicação e circulação dessas "mensagens compartilhadas", bem

1 Grupo de pesquisa que tem por objetivo formar pesquisadores em análise de discursos sobre a leitura para melhor compreender e descrever seu funcionamento linguístico, histórico e cultural e seu impacto efetivo sobre a forma como lemos, sobre a forma como nos constituímos ou não leitores. Para outras informações, cf. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq/Lattes: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/43446>.

2 Cf. a esse respeito as considerações de Dominique Maingueneau (2014a, 2014b) sobre os princípios de destacamento de certos enunciados, sobre a sua variedade e suas formas de uso em diferentes contextos e com diferentes efeitos de sentido.

3 Designamos essas "frases" como "mensagens" dado o modo genérico como os usuários dessas redes a elas se referem, e acrescentamos o especificador/qualificador "compartilhadas" pela função que exercem, por um lado, a de registrar a opinião, o bom gosto, o ponto de vista daquele que as emprega, e por outro, atuar como forma de socialização pública, de contato, de estabelecimento e reforço de vínculos sociais. Para uma melhor descrição e exemplificação de sua forma e de seu funcionamento, além das formas de variação na atribuição de sua 'autoria', cf. Rosin (2015).

como pela compilação e disponibilização de outras *mensagens*, criadas por outros internautas, mas que tinham em comum o fato de se valerem de enunciados atribuídos às obras desses dois autores. Eles, portanto, editavam esse material verbal de frases provenientes das obras desses autores (ou apresentadas como tendo sido delas provenientes), de modo a tornar mais apoteótico o valor de sua *mensagem* e a melhor demarcar a autonomia dessas frases em relação ao texto de origem.

Nesse processo de edição, essas frases destacadas de seus textos eram também ilustradas, ou seja, apresentadas em conjunto com certas imagens, de diferentes tipos. Essas imagens acrescidas podiam ser fotografias, desenhos, pinturas, de diversas origens e com distintos graus de autoridade e notoriedade. Além dessas imagens, a própria tipografia era por vezes estetizada e explorada em sua dimensão plástica<sup>4</sup>. As imagens mobilizadas na produção dessas “mensagens compartilhadas”, materialmente sincréticas, estabeleciam com a linguagem verbal das frases relações semânticas de vários tipos e responsáveis por diferentes efeitos. Assim, as relações entre o verbal e o imagético, entre a frase e a imagem que a acompanhava e ilustrava, ambas destacadas de seus textos e contextos de origem, eram ali articuladas visando e produzindo diferentes tipos de *homologia* discursiva entre o que era enunciado verbalmente e o que era expresso pelo enunciado imagético<sup>5</sup>, e em seu conjunto.

Em nossa análise dessas *mensagens*, consideramos as variações nessas estratégias de edição e composição desse gênero como indício a partir do qual as agrupamos tematicamente e observamos como uma das regularidades de seu funcionamento discursivo a sua interpretação assemelhada a de mensagens do campo da autoajuda<sup>6</sup>, e especialmente concernentes aos temas da amizade, dos relacionamentos amorosos, do autoconhecimento e da espiritualidade. Pela análise da regularidade de seus temas e estratégias de escrita, mas também pela análise dos comentários postados pelos leitores dessas mensagens, foi possível identificar certos efeitos de sentido que esse tipo de enunciado produzia, em sua maioria, distintos daqueles previstos quando de sua circulação no interior da obra original. Foi sobretudo possível depreender aspectos distintos do modo de ler desses leitores, do que mais lhes chamava a atenção nesse tipo de texto e com que “chave interpretativa” ou finalidade os liam, deles se apropriavam e sobre eles comentavam em suas redes sociais.

Foi a partir dessa análise – e da identificação da existência e multiplicação de vários repositórios de frases, disponíveis virtualmente – que nos interessamos por estudar as formas históricas e culturais de emergência e variação dessa técnica de leitura e de escrita que consiste na apropriação de algumas frases específicas de certos textos, em sua coleta e organização sob a forma coletâneas (no formato manuscrito, impresso ou virtual<sup>7</sup>) e em sua utilização, com objetivos distintos, na construção de outros textos.

Diferentemente do que imaginávamos acerca desse fenômeno atual de uso de “frases” destacadas<sup>8</sup>, disponíveis em repositórios na rede e empregadas em páginas de redes sociais diversas, por diferentes perfis de usuários da *Internet*, ele não se trata de uma novidade contemporânea, oriunda e fomentada inusitadamente pelas tecnologias digitais disponíveis hoje.

4 Para uma descrição desse processo de imagnetização da tipografia, de apresentação da escrita como imagem, e de seus efeitos de sentido, cf. Curcino (2006; 2011a).

5 Sobre os diferentes tipos de “homologia discursiva” estabelecidos entre o verbal e o imagético na composição de textos diversos, sejam eles textos jornalísticos ou mensagens em powerpoint, cf. Curcino (2011b).

6 A respeito de efeito semelhante, cf. Curcino (2010b; 2012). A autora analisa “mensagens em powerpoint”, que equivalem, em grande medida, a uma versão anterior dessas “mensagens compartilhadas”, que circularam sob a forma de “correntes”, amplamente, e via e-mail.

7 No formato manuscrito, mesmo após a invenção do impresso, são vários os exemplos do uso dessa técnica, sobretudo no que historicamente ficou conhecido, no período Renascentista, como técnica intelectual dos “lugares comuns”. No formato virtual, tal como analisado em Curcino (2010b; 2012), e em Rosin e Curcino (2015), são vários os exemplos de emprego dessa técnica. No formato impresso, são vários os exemplos na atualidade de publicações de livros impressos contendo exclusivamente frases, seja sob a forma de reedição desses “cadernos de lugares comuns” de eruditos de diferentes períodos históricos, seja sob a forma de coleções de frases da obra de um autor contemporâneo, seja sob a forma de coletâneas de frases de diversos autores, de diferentes períodos e campos de atuação.

8 Cf. Krieg-Planque (2011) e Maingueneau (2014a, 2014b) entre outros, que se dedicaram a descrever o funcionamento discursivo de frases destacadas, especialmente aquelas empregadas na contemporaneidade, em textos midiáticos e políticos.

Observamos se tratar, antes, de um fenômeno cujas origens remontam à Antiguidade clássica e que, ao longo da história no Ocidente, assumiu formas e usos distintos, foi atualizado em práticas de leitura e de escrita também variadas na já longa história da cultura escrita ocidental.

Portanto, a técnica de leitura e de escrita, que concerne ao destacamento de frases de textos lidos, para seu uso posterior na produção de outros textos, além de antiga é também um procedimento comum e orientador dos modos de apropriação dos textos, que, na longa duração, ora foi reconhecido e validado como técnica fundamental, ensinada explicitamente, recomendada, institucionalizada, reconhecida e por isso dominada por leitores e escritores, tanto eruditos como populares; ora esse procedimento técnico foi estigmatizado em função de certos usos que dele se valeram, ou então foi empregado de modo mais espontâneo, discreto, nem prioritária nem formalmente ensinado, a não ser para situações de uso muito específicas, e viabilizado por técnicas e tecnologias de escrita e de leitura também singulares.

Essas formas de apropriação de fragmentos de textos lidos (ou mesmo de fragmentos de textos não necessariamente lidos por aquele que os emprega, mas disponíveis em função da leitura e de sua seleção e disponibilização estabelecidas por outros), variam desde os modos e razões de sua coleta, passando pelos meios que as disponibilizam em outra forma (de cadernos de notas, de livros impressos publicados ou em seus equivalentes digitais sob a forma de repositórios de frases), para que sejam empregadas tanto em conversações do cotidiano ou mais formais, como na escrita de outros textos, eventualmente de diferentes gêneros e com finalidades distintas daquelas dos textos de onde foram retirados esses fragmentos.

Uma das razões que persiste nas práticas de apropriação desses fragmentos, apesar das mudanças no tempo e no espaço que caracterizam os diferentes usos técnicos de frases de um texto, tem a ver com o emprego daquelas provenientes de obras e de autores de renome e prestígio, mesmo quando o objetivo de sua citação é a crítica, mesmo quando a razão da citação é para demarcar uma distância do que ela enuncia, marcar uma diferença de posição do que por ela se expressa. Portanto, ainda que a seleção, coleção e citação de frases se deem em relação a textos não lidos e de autores não conhecidos, isso não significa que o sujeito que assim procede não saiba, nem reconheça a importância que certos gêneros, títulos e autores dispõem em nossa sociedade, ou ainda que se valha da citação em função do valor do que enunciam.

Essa é a característica comum que fomenta a transmissão formal e informal, explícita ou relativamente espontânea dessa prática de leitura e de escrita segundo a qual se coleta e se ostenta fragmentos, segundo a qual se pode recortar enunciados de textos primeiros, para exemplificar, validar, embelezar, sustentar argumentos de um texto segundo. Nenhum desses objetivos e efeitos são indiferentes ao universo da citação ilustrada, erudita para fins intelectuais, como no caso em análise. Essas e outras funções da leitura e da escrita, baseadas no destacamento de frases, são exercidas na produção de textos acadêmicos e políticos, tais como aqueles a que nos interessamos aqui relativas às especificidades de apropriação dessa técnica por parte de intelectuais brasileiros de renome, inscritas nas folhas e nos cadernos de nota, de Rui Barbosa e de Florestan Fernandes.

### **Rui Barbosa e Florestan Fernandes: leitores, escritores e suas anotações**

Cada um, a sua maneira, leu diferentes obras, e o fez selecionando algumas de suas frases e colecionando-as, à espera de seu destino como citação em seus textos de atuação profissional.

Separados no tempo, ambos nos legaram importante produção intelectual e destacada carreira política no cenário nacional; ambos são herdeiros em maior ou menor medida de uma longa e ampla tradição pedagógica, por vezes silenciada, relacionada a princípios da retórica, ensinados e empregados na condução da leitura e da escrita de textos. Apesar do que os aproxima, eles apresentam origens sociais e percursos culturais bem distintos, o que não poderia, portanto, não ecoar na forma como se fizeram leitores e escritores, nas idiossincrasias de seus usos dessa técnica e dos resultados em seus discursos e textos dela provenientes.



Diferentemente do que ocorreu com grande parte da produção de intelectuais brasileiros, e em função de sua importância e destaque ímpares no cenário nacional, as produções intelectuais, de cunho político e acadêmico, de Rui Barbosa e de Florestan Fernandes, foram resguardadas em acervos e em instituições dedicados exclusivamente a preservar sua obra. Entre as produções e os objetos culturais legados por essas personalidades encontram-se as suas anotações, em folhas reunidas e em cadernos de notas. Esses objetos desempenham duas funções: a de fonte de consulta e a de rascunho para seus textos. Esse caráter duplo faz dessas anotações, que em outros tempos seriam consideradas como material descartável, dispensável, tal como eram e tal como normalmente ainda o são quando não fazem parte do conjunto de ‘rastros’ de escrita, que se consagrou mais especificamente, a partir do final do século XVIII, nomear com uma ‘obra’, e simultaneamente como obra de um ‘autor’<sup>9</sup>.

Grande parte dessas anotações consiste justamente no registro e na compilação de frases que foram destacadas de outras obras de autores diversos, dando testemunho de suas leituras, ou seja, do que leram, e por vezes das razões porque leram e como o fizeram. É com o objetivo de descrever essas representações de suas práticas de leitura e de escrita, relativas ao emprego dessa técnica histórica de leitura, caracterizada pelo princípio do destacamento, nota, coleção e uso, que apresentamos neste artigo uma breve análise de alguns exemplos de notas de leitura e dos usos nelas indiciados de que seus autores poderiam se valer na escrita de seus textos.

De modo geral, essas notas desses dois intelectuais, por vezes dedicadas exclusivamente à recolha de frases de textos lidos ou ouvidos, se misturam com outras frases, sem autoria, sem relação lógica explícita e sem origem devidamente atribuída, no conjunto dessas anotações. Algumas são comentários e reflexões desses próprios autores, como em um diálogo produzido entre a voz de outro autor em outro texto e a voz daquele que o retoma, que o repercute. Assim, nos comentários e nas reflexões derivadas da escolha dessas frases, e por elas incitados, tem-se o efeito de um eco latente do que esses sujeitos leram e ouviram recentemente, ou do que se lembraram e ao que recorreram do lido e ouvido outrora, em toda sua importância. Afinal, não se cita o que não é digno de nota.

Essas anotações manuscritas em cadernos de notas ou folhas originalmente avulsas, ainda que posteriormente agrupadas quando de sua catalogação por especialistas, se encontram hoje disponíveis total ou parcialmente sob a forma digital nos acervos dedicados à obra desses autores: o acervo da **Fundação Casa de Rui Barbosa**<sup>10</sup>, dedicado à preservação e divulgação de diversos documentos da vida e obra desse renomado jurista e político do século XIX, e o do **Fundo Florestan Fernandes**, da Biblioteca Comunitária da UFSCar<sup>11</sup>, dedicado a uma série de documentos, relacionados à obra desse importante sociólogo, professor e político do século XX.

Da gama de materiais disponíveis nestes seus acervos, nos ocupamos especialmente das anotações presentes nas séries, “Vida acadêmica” e “Produção intelectual”, de Florestan Fernandes, e “Correspondência geral”, “Produção intelectual”, “2ª Conferência de Paz em Haia”, “Conferência na Embaixada a Buenos Aires”, de Rui Barbosa. Para a breve análise deste artigo, selecionamos um exemplo dos tipos de “notas” de que se valem esses intelectuais, or-

9 Cf. a respeito dos princípios históricos, culturais, técnicos, jurídicos e simbólicos implicados no funcionamento discursivo da “função autor”, tal como apresentados por Michel Foucault (1992) e revistos por Roger Chartier (2012).

10 O processo de aquisição do mobiliário, arquivo, biblioteca, propriedade intelectual e residência (onde funciona a Fundação), inicia-se em 1924, sendo autorizado pelo governo brasileiro em 1928 e a casa aberta ao público somente em 1930. A Fundação e Museu Casa de Rui Barbosa localiza-se na cidade do Rio de Janeiro, na rua São Clemente, sendo ligada ao Ministério da Cultura, responsável por sua manutenção e pela difusão do acervo. O acervo de Rui Barbosa e outros intelectuais encontra-se disponível digitalmente no site da Fundação, <http://www.casaruibarbosa.gov.br/>.

11 A Universidade Federal de São Carlos adquiriu, em 1996, a biblioteca pessoal de Florestan Fernandes com cerca de 12 mil livros, além de arquivos e documentos pessoais. O material subdivide-se no Fundo Florestan Fernandes (FFF/UFSCar), lançado em 2010, no Mini-Museu Florestan Fernandes e na Coleção Florestan Fernandes que integram o DeCORE (Departamento de Coleções de Obras Raras e Especiais). Na base de dados fornecida pela instituição, é possível consultar o catálogo online ou na base de dados do próprio fundo, com pesquisa in loco. Disponível em: <https://www.bco.ufscar.br/acervos/fundo-florestan-fernandes>.

ganizadas em seus respectivos acervos como parte da série intitulada em comum como “Produção intelectual”. Nela, suas anotações são organizadas sob diversas rubricas, que definem aproximadamente a razão e a finalidade dessas notas em particular.

Essas anotações dizem respeito às ideias e constituem as primeiras versões de algumas de suas produções intelectuais, posteriormente tornadas públicas seja sob a forma de discursos célebres, no caso de Rui Barbosa, seja sob a forma de artigos publicados em revistas acadêmicas ou livros, no caso de Florestan Fernandes.

Algumas dessas anotações apresentam um caráter aparentemente fortuito e desvinculado dos temas explicitados nas rubricas, de modo que não são facilmente reconhecíveis e por vezes de inviável identificação de seu reemprego nos textos que posteriormente foram produzidos valendo-se dessas anotações. A confirmação de seu uso nos textos finais não fez parte de nosso objetivo, voltado prioritariamente à análise das formas de construção dessas notas, a partir das quais é possível depreender certas representações da prática de leitura e de escrita mobilizadas para este fim, descrevendo-as em suas peculiaridades e regularidades, relacionadas seja ao objetivo com que certas frases foram selecionadas tendo em vista o gênero discursivo de seu destino, o tema e objetivo visados, seja em função das idiossincrasias desses sujeitos, de seu estilo de apropriação dessa técnica, e das representações que compartilham sobre sua prática como intelectuais, leitores e escritores.

Do material disponibilizado nessa série “Produção Intelectual”, apresentamos uma análise das notas de Rui Barbosa sob a rubrica “O caso Hayes em 1876-7”, relativas à sua apreciação do caso como jurista; e das notas de Florestan Fernandes sob a rubrica “Nôtas sobre aculturação” (sem data), relativas a este tema em artigos acadêmicos posteriormente publicados<sup>12</sup>.

Nas anotações concernentes a essas rubricas específicas, feitas em folhas avulsas, posteriormente encadernadas, no caso de Rui Barbosa, e em cadernos de notas, no caso de Florestan Fernandes, observamos – diferentemente do que encontramos em outros conjuntos de suas anotações em que eram reunidos enunciados de origens, por vezes, variadas (literária, religiosa, filosófica como também de outras ciências políticas e humanas em geral), e eventualmente avizinados de enunciados mais ligados às necessidades mundanas, banais do cotidiano, por vezes até ilustrados, no caso dos cadernos de Rui Barbosa, com colagens de notícias e artigos de jornais da época – haver uma delimitação precisa do tipo de enunciado a ser coletado, tendo em vista os temas para os quais esses dois intelectuais buscavam subsídio, argumentos de modo a desenvolverem seus próprios textos. De modo geral, no conjunto de suas notas, que analisamos em nossa pesquisa, as notas de Rui Barbosa indiciam uma apropriação da prática de leitura e de escrita ligada à tradição retórica e pedagógica de seleção e coleção de enunciados para uso em discursos orais ou em textos escritos, mas de modo menos formal, mais espontâneo, aparentemente mais errático, à maneira de um jornalista, jurista e político, de grande erudição que aborda vários temas. Já as notas de Florestan Fernandes indiciam uma apropriação dessa prática de leitura e de escrita mais tradicional quanto aos procedimentos sistemáticos de definição prévia de suas leituras, de coleta de excertos e de organização desses dados para a produção de seus textos, à moda mais professoral e acadêmica.

### **Destacar para discursar: os cadernos de notas de Rui Barbosa**

Rui Barbosa é conhecido como alguém “que a todos os prazeres da vida antepunha o da leitura” (Pires, 1949). O mesmo se pode dizer da escrita. Ele deixou uma obra de extensão formidável. A produção intelectual de Rui Barbosa durante sua carreira de jurista, jornalista e homem político caracterizou-se por suas práticas extensivas de leitura e escrita. Rui Barbosa é conhecido, desde sua iniciação acadêmica, como um excelente orador. Como tal, foi escolhido, pelo então ministro das Relações Exteriores da época, Barão de Rio Branco, para representar a embaixada brasileira na II Conferência de Paz realizada em Haia, quando então fez um discurso

12 Foram publicados pelo menos 3 artigos sobre o tema da “aculturação”, a saber: 1) FERNANDES, Florestan. Resenha de A aculturação dos alemães no Brasil de Emilio Willems. Revista do Arquivo Municipal, ano XV, v. CXXII, n. 2, p. 205-218, 1949. 2) FERNANDES, Florestan. A aculturação do sírio e do libanês em São Paulo. Folha da Manhã, n. 9842, 10 de junho, p. 1-2, 1956a. 3) FERNANDES, Florestan. A aculturação dos sírios e libaneses em São Paulo. Revista Etapas, ano I, n. 11, 1956b.

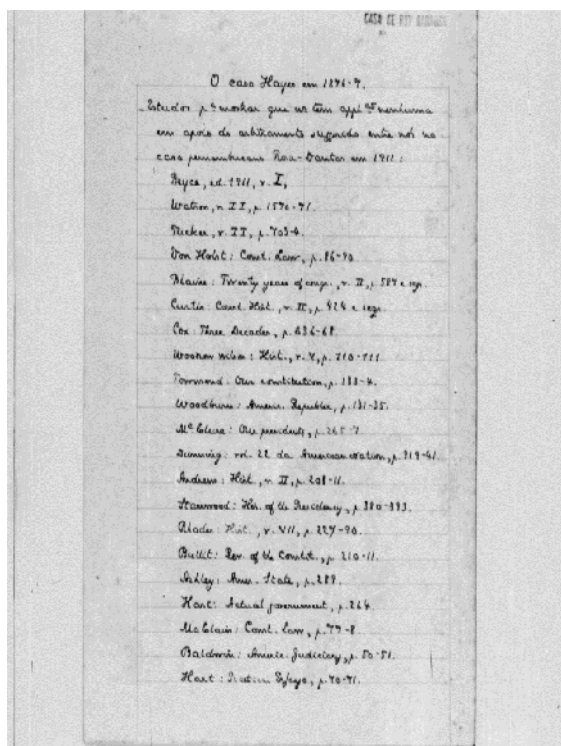
memorável.

Os dados de que apresentamos a análise, a título de exemplo, neste artigo, fazem parte do conjunto de notas intitulado “Notas (31) – arquivo PI 14/2”, contendo 115 páginas de um conjunto de folhas que foram agrupadas e numeradas manualmente, sem uma folha de rosto com informações precisas (como título, temática, data). Esse conjunto de folhas compreende “notas para elaboração de discurso pronunciado no Colégio Anchieta, por ocasião da formatura dos Bacharéis em Ciências e Letras, da qual era paraninfo (doc.14/1)”, e notas sobre “O caso Hayes em 1876-7”, identificadas como doc. 14/2, em que não há maiores informações sobre sua origem ou finalidade. Nosso interesse por este documento reside na variedade de estratégias empregadas para a recolha de citações e seu uso posterior, que mesclam notas com lista de textos a serem lidos, com citações recolhidas de diversos textos, com recortes de jornais comentados pelo próprio autor sobre o tema, com a inclusão de recortes de páginas datilografadas, que sinalizam para prováveis versões iniciais de discursos a serem proferidos sobre o tema.

A página que abre o arquivo deste documento contém as informações de recuperação do acervo: 1887-07-00 RB PI 14/2 (13). Não há a data específica de produção desse material, no entanto, a nota apresentada pelo próprio autor na página 01 permite situar sua escrita no período posterior ao ano de 1911. Intitulada de “O caso Hayes em 1876-7”, e sobre o qual Rui Barbosa empreende uma breve descrição do que se encontrará nas páginas que seguem:

Estudos para mostrar que não tem aplicação nenhuma esse apoio do arbitramento suggerido entre nós no caso pernambucano Rosa-Dantas em 1911:

Figura 1. O Caso Hayes em 1876-7



Fonte: página 1 do caderno “notas (31) – arquivo PI 14/2”<sup>13</sup>

13 Cf. <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ArquivoRuiBarbosa&PagFis=55224>. Acesso em: 22 set. 2019.



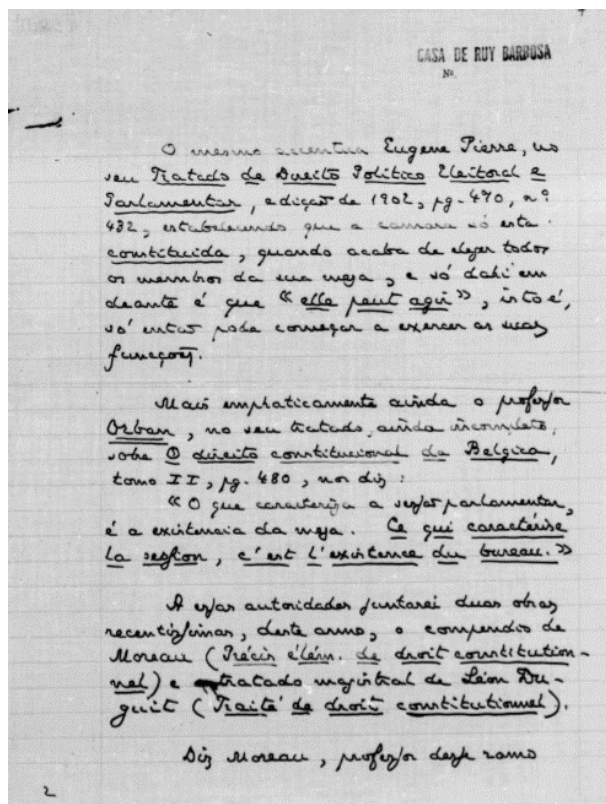
O caso Hayes, que abre esse documento, faz referência à derrota por voto popular, em 1876, do então candidato republicano, Rutherford B. Hayes, à presidência dos Estados Unidos. A vitória, no entanto, lhe foi concedida por meio de uma comissão de republicanos que lhe eram favoráveis, através da contestação dos resultados em três estados americanos. Após realizar a breve descrição acerca da diferença entre o caso Hayes e Rosa Dantas (de 1911) no Brasil, Barbosa lista referências bibliográficas que poderiam contribuir para a compreensão de suas diferenças.

Diferentemente considerarmos estar diante de uma lista de livros efetivamente lidos por Rui Barbosa para a abordagem do tema, nos encontramos diante de dados que atuam como uma forma de *representação* de práticas de leitura condizentes com aquelas de homens letrados e políticos à época. Rui Barbosa, como um erudito afeito a livros, dedica-se a validar seu posicionamento por meio da referência a vários títulos. Além de uma variedade de fontes que fundamentariam seu posicionamento e argumentos, ele também indica com precisão onde localizar as discussões concernentes ao tema, de modo a atestar efetivamente a consulta e leitura desses títulos, assim como afirma, em sua síntese, o que segundo ele todos esses autores afirmam: “Todos os autores que deste [argumento] se ocupam, são a tal respeito acordes, assentindo todos em que não pode haver assembleia deliberante, antes de constituída a sua meza [sic]”.

Seu argumento de autoridade se constrói com base em sua cultura livresca, em sua prática de leitura, e no modo como lê todos e deles depreende seus principais posicionamentos. Os efeitos que visa com sua argumentação estão, portanto, diretamente ligados à reiteração de sua imagem como erudito, de modo geral, e como leitor, de modo específico: ele lê vários livros e autores sobre o tema, ele os lê com atenção de modo a depreender suas considerações, ele se vale do que lê em seus discursos.

Na sequência de suas notas, na página 04 do documento, o autor apresenta algumas citações de fragmentos desses textos e de outros, em língua portuguesa e francesa:

Figura 2. Várias citações como índice de cultura livresca



Fonte: página 04 do caderno “notas (31) – arquivo PI 14/2”.<sup>14</sup>

O mesmo ascentua Eugene Pierre, no seu Tratado de Direito Político Eleitoral e Parlamentar, edição de 1902, pg - 470, nº 432, estabelecendo que a camara só está constituída, quando acaba de eleger todos os membros de sua meza, e só dali em diante é que “elle peut agir”, isto é, só então pode começar a exercer as suas funções.

Mais emphaticamente ainda o professor Orban, no seu tratado, ainda incompleto sobre O direito constitucional da Belgica, tomo II, pg. 480, nos diz:

“O que caracteriza a seção parlamentar, é a existência da meza. Ce qui caractérise la session, c’est l’existence du bureau”.

A essas autoridades juntarei duas obras recentíssimas, deste ano, o compendio de Moreau (Précis élément de droit constitutionnel) e tratado magistral de Léon Duguit (Traité de droit constitutionnel).

Diz Moreau, professor deste ramo [...]

Rui Barbosa nos apresenta nesse excerto não apenas um conjunto de citações, mas um rascunho do que poderia vir a ser o seu texto final, para seu discurso. Não estamos diante de citações dispostas isoladamente, como era próprio da técnica humanista dos cadernos de lugares-comuns, no Renascimento europeu. Embora herdeiro dessa técnica, que lhe foi legada provavelmente por sua formação escolar e particularmente pelas aulas de retórica, como intelectual com finalidades pragmáticas específicas, neste caso no campo do direito e da política, ele seleciona frases e as articula de tal forma, como um rascunho do texto final. Essas frases, transcritas em francês e traduzidas em português, representam a erudição de seu leitor, que lê autores consagrados em suas línguas originais. A manutenção das expressões em francês, e muito provavelmente sua reprodução no discurso oral, indicia essa tradição e influência francesa, bastante difundida no Brasil do século XIX, quando o francês era a língua estrangeira predominante no ensino brasileiro, e quando as ideias políticas e modelos europeus contribuíram para fundamentar a construção de nossa República e de seu sistema de representação política.

O modo como Rui Barbosa organiza essas citações, não isoladamente, mas acompanhadas de comentários, que organizam, contextualizam e complementam logicamente o que é dito, já sob a forma provisória de uma totalidade que virá a ser um texto, demonstra uma sua especificidade. Não estamos diante do tradicional “caderno de lugares-comuns”, nem de um caderno de rascunhos convencional. Suas notas são um esboço prévio de um texto em construção, em que cada citação, em sua relação com as demais, visa a construir relações argumentativas a partir das quais se possa sustentar ou refutar de maneira incisiva, porque embasada histórica, jurídica e comparativamente, sua argumentação.

## **Destacar para escrever: os cadernos de notas de Florestan Fernandes**

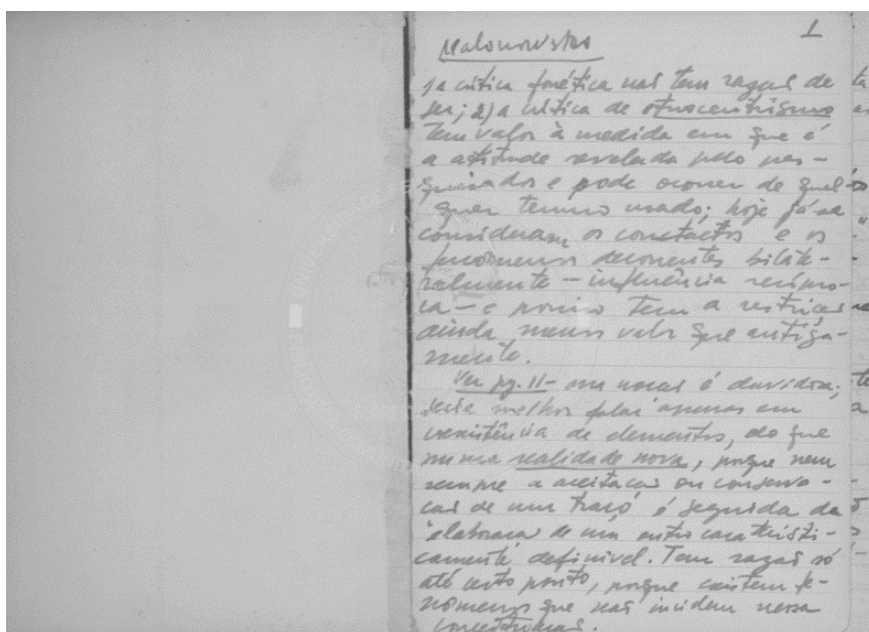
A produção de Florestan Fernandes, devido a sua atuação como acadêmico e professor de sociologia na Universidade de São Paulo e em outras universidades no exterior, demanda determinadas práticas de leitura e de escrita, como a mescla entre gestos de leitura intensiva

e extensiva dos textos dos quais se poderá obter citações para a argumentação de suas aulas e de seus artigos.

Ele é sistemático em suas anotações e organizado na construção e manutenção de seus cadernos de notas. Para suas “Nôtas sobre aculturação” (sem data), ele se vale de um caderno de capa dura (e não folhas esparsas), cuidadosamente com suas páginas numeradas, com folha de rosto onde constam informações como o título, e indicações de sua finalidade, tudo isso feito pela própria mão do autor. Este caderno destina-se, particularmente, como sugere o título, à recolha de enunciados teóricos acerca do conceito de “cultura”, “aculturação” e “transculturação”. Cada nota referente à citação (direta ou indireta de um texto lido) é sempre acompanhada das indicações bibliográficas precisas da obra e autor citados, ao início de cada tópico, com a inserção de indicadores de citação, como aspas e número de páginas.

Esse caderno mostra que a escolha das frases, e antes dela, a escolha do que ler foi determinada pelo objetivo do texto-fim, do seu gênero e de sua circulação.

**Figura 3.** Cultura, Aculturação e Transculturação



**Fonte:** página 01 do caderno “Nôtas sobre aculturação”.<sup>15</sup>

Malinowski

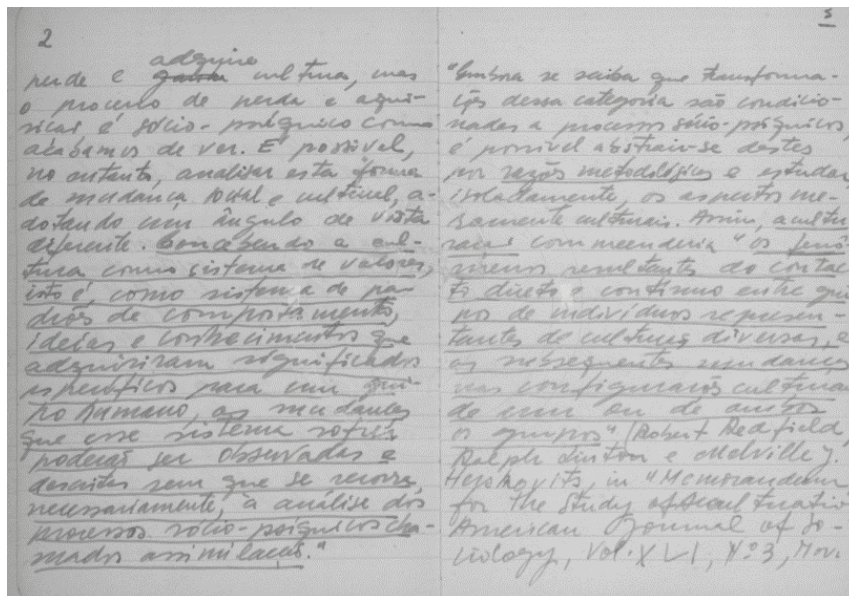
a crítica fonética não tem razão de ser;

a crítica de etnocentrismo tem valor à medida em que é a atitude revelada pelo pesquisador e pode ocorrer de qualquer termo usado; hoje já se consideram os contactos e os fenômenos decorrentes bilateralmente – influência recíproca – e mais [incompreensível] tem a restrição ainda menos valor que antigamente.

Ver pg. 11 – uma noção é duvidosa; desta melhor falar apenas em coexistência de elementos, do que numa realidade nova, porque nem sempre a aceitação ou condenação de um traço é seguida da elaboração de uma outra caracteristicamente

definível. Tem razão só até certo ponto, porque coexistem fenômenos que não incidem nessa concentração.

Figura 4. Cont. Cultura, Aculturação e Transculturação



Fonte: página 01 do caderno “Nôtas sobre aculturação”<sup>16</sup>

perde e adquire cultura, mas o processo de perda e aquisição é sócio-psíquico como acabamos de ver. É possível, no entanto, analisar essa forma de mudança total e cultural, adotando o ângulo de vista diferente. “Concebendo a cultura, como sistema de valores, isto é, como sistema de padrões de comportamento, ideias e conhecimentos que adquiriram significados específicos para um grupo humano, as mudanças que esse sistema sofrer poderão ser observadas e descritas sem que se recorra, necessariamente, à análise dos processos sócio-psíquicos chamados assimilação”.

“Embora se saiba que transformações dessa categoria são condicionadas a processos sócio-psíquicos, é possível abstrair-se destes por razões metodológicas e estudar, isoladamente, os aspectos meramente culturais. Assim, aculturação compreenderia “os fenômenos resultantes do contacto direto e contínuo entre grupos de indivíduos representantes de culturas diversas, e as subseqüentes mudanças nas configurações culturais de um ou de ambos os grupos” (Robert Redfield, Ralph Linton; Melville J. Herskovits, in “Memorandum for the study of acculturariion”, American Journal of Sociology, Vol. XVI, nº 3, [Nov] 1935 – pg 366-370 [necessidade de distinguir a difusão cultural do conceito aculturação]” p. 3-5.).

O autor inicia suas notas com o resumo dos dois pontos centrais da obra do antropólogo Bronislaw Malinowski, apresentando algumas considerações sobre os conceitos de “cultura” e “aculturação” presentes em sua obra. Essas notas se constroem como um texto-meio de modo a eventualmente assumirem, tal como estão enunciadas, esta mesma forma no texto final, haja vista as menções para uma consulta posterior do tema, com a indicação “ver pg. 11”, além



das rasuras e sublinhados que indicam, respectivamente, a) o cuidado com a forma final de escrita de um texto pela seleção precisa de termos, e b) a indicação precisa de partes do texto lido, para eventual citação e comentário no desenvolvimento do tema no texto final.

Florestan Fernandes, à medida que lê, toma notas com as preocupações de quem escreve um texto acadêmico. A clareza quanto às regras do “gênero discursivo” para o qual coleta citações se expressa na adoção de notas que já antecipam e assumem a “construção composicional” e o “estilo verbal”<sup>17</sup> do que virá a ser o texto final. Diferentemente das notas de Rui Barbosa, mais genéricas e alusivas, mais sintéticas quanto ao conteúdo e curtas quanto à forma, as notas de Florestan Fernandes intercalam citações diretas do que leu em outros autores com seus próprios comentários, ou construções de ligação dessas citações. Estas, por sua vez, e por seu caráter didático, referencial próprios da escrita acadêmica, abundam em sua transcrição total, precisa, de fragmentos extensos, perfeitamente sinalizados para sua posterior citação e recuperação exatas.

Suas notas, organizadas em cadernos específicos, indiciam essa relação do acadêmico e do professor, que lê textos de uma bibliografia específica em função dos temas que planeja abordar, que os lê de modo intensivo e seletivo, selecionando passagens fundamentais, sejam elas argumentos, exemplos, descrições, definições, que possam vir a compor o texto para o qual tanto as leituras específicas quanto as notas detalhadas são um instrumento da escrita acadêmica.

Mais do que convencer pela erudição, demonstrada com a referência a diferentes autores e obras, muitos deles em língua estrangeira e cujo argumento comum é sintetizado com palavras de quem compila e não com as palavras dos próprios autores, a não ser por pequenas e breves citações mencionadas na própria língua estrangeira do autor, tal como apresentado no exemplo das notas de Rui Barbosa, as notas de Florestan Fernandes referem-se a um autor e obra específicos, cuja leitura foi motivada pelo objetivo preciso da escrita de um artigo sobre o tema, e cujas citações do texto lido são transcritas em sua extensão e totalidade e têm suas referências precisas sinalizadas.

## Considerações Finais

Em nossa análise desse material, apoiamo-nos em princípios e em conceitos da Análise do discurso e da História Cultural, ainda que de forma por vezes não reiterada e diretamente explicitada<sup>18</sup>. Tal como enuncia Curcino (2012; 2018), acerca das articulações possíveis entre esses dois campos teóricos, ambas são teorias que compartilham uma mesma concepção do “sujeito”, em sua condição de sujeito social, histórica e culturalmente inscrito e determinado. Ambas também pressupõem que as práticas e as formas de identificação de todo e qualquer sujeito são concebidas, exercidas, qualificadas por meio de discursos, logo, os sujeitos, exercem sua singularidade dentro das grades flexíveis que a sociedade, a história e a cultura representam para cada indivíduo, sob a forma dos discursos em circulação.

Embora seus objetivos e objetos possam ser relativamente distintos, para ambas as teorias, o “documento” deve ser sempre concebido como “monumento”<sup>19</sup>. Isso significa que nunca estamos diante do real, tal como ele de fato se deu, mas sim de uma sua representação, de um discurso a seu respeito. Para o analista do discurso e para o historiador cultural, estamos sempre diante de “monumentos”, uma vez que estes apresentam a realidade inevitavelmente a partir de certos posicionamentos sociais, culturais, ideológicos e históricos.

Rui Barbosa e Florestan Fernandes são sujeitos de um tempo-espço. Desse modo, estão sujeitos aos discursos e às representações que compartilham com seus contemporâneos. Essas representações têm uma história e são social e culturalmente determinantes daquilo que os sujeitos conhecem, creem, enunciam e praticam. Assim, a forma como ambos leem, selecio-

17 Cf. essas características do gênero em Bakhtin (2002).

18 Essa articulação teórica foi mais diretamente empreendida, de início, por Barzotto (1998), e tem sido mais sistematicamente conduzida por Curcino (2006; 2012; 2018), tanto em suas pesquisas quanto naquelas que orienta. Por isso, essa articulação se encontra presente em uma série de pesquisas desenvolvidas no LIRE, relativas aos discursos sobre a leitura e às representações do leitor.

19 Sobre a diferença entre “documento” e “monumento”, cf. Foucault (2014).



nam frases, as preservam, colecionam e classificam, o modo enfim como escrevem seus textos e constituem sua obra se deve em grande medida a discursos e representações sobre o que é ler, o que é escrever, o que é ser um intelectual, o que é ser um escritor, o que é constituir uma obra e o que é, enfim, legar um arquivo, na condição de um autor, em seu tempo e em nossa sociedade. Elas respondem ainda às injunções dos gêneros discursivos para os quais selecionam frases a serem citadas, e suas finalidades objetivas: para pronunciar discursos formais, para escrever artigos acadêmicos.

Suas anotações, em folhas e cadernos, como todo e qualquer objeto cultural, indiciam esses discursos e essas representações que estão na origem de sua produção, na determinação das suas condições culturais de existência, na relevância de que são investidos e na construção da autoridade e da imagem de autor, de que puderam gozar Rui Barbosa e Florestan Fernandes. Não estamos, portanto, diante de usos comuns, sem validação institucional, dessa técnica de leitura e de escrita que se caracteriza pela apropriação de fragmentos, diferentemente dos usos de jovens internautas de frases de autores literários em suas páginas do *Facebook*.

Suas anotações nas folhas reunidas e nos cadernos de notas fornecem tanto uma série de indícios do uso de uma técnica de leitura e de escrita cuja tradição remonta à Antiguidade, quanto também são o resultado dessa tradição e técnica de longa duração. E como é próprio da história e do funcionamento das práticas, das formas de apropriação e de suas representações, o uso de que dela fizeram conserva traços, aspectos em comum, assim como se diferencia e se distingue daqueles do passado<sup>20</sup>.

Rui Barbosa parece ser ‘menos organizado’, mais especulativo e muito prolífico em suas escolhas de textos e no interior deles de frases, e no modo como elas são registradas e colecionadas para uso posterior. Florestan Fernandes é ‘mais organizado’, mais sistemático, mais didático com esse legado em notas.

Para além do aspecto idiossincrático, esses usos são também, e talvez prioritariamente, o índice de diferenças de suas origens sociais<sup>21</sup>. Conforme as categorias sociológicas de Pierre Bourdieu (2014), o primeiro é sem dúvida um “herdeiro”, enquanto o segundo um “trânsfuga de classe”. Essas diferentes origens, e com elas suas diferentes relações com a cultura de prestígio, parecem permitir ao primeiro uma maior liberdade, espontaneidade, generalidade e até descuido com a organização do que escreve, como se lidasse de forma mais naturalizada e desinstitucionalizada com o gênero, com o suporte, com o conteúdo do que é anotado e com os usos que fará daquilo que foi apropriado. No caso do segundo, sua sistematicidade, sua organização, sua maior ritualização e institucionalização daquilo que registra parece indicar a sua condição, como “trânsfuga cultural” que se tornou professor universitário e intelectual de renome, de sempre estar vigilante quanto aos usos e códigos de prestígio da cultura letrada.

## Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: EdUFSC, 2014.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

CHARTIER, R. Discursos eruditos e práticas populares. In: CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 45-52.

CHARTIER, R. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

<sup>20</sup> A esse respeito, e mais pontualmente no que concerne aos conceitos de “prática”, “representação” e “apropriação”, cf. Chartier (2002a, 2002b, 2011a, 2014b), entre outros.

<sup>21</sup> Para constatação semelhante, cf. Curcino (2018) em relação às representações de políticos como leitores.

CHARTIER, R. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CURCINO, L. **Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista VEJA**. 2006 337p. Tese (Doutorado), FCLAR -Unesp, Araraquara São Paulo, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102356?show=full>. Acesso em: 05 jul. 2020.

CURCINO, L. **Enunciado e sujeito em Michel Foucault**. Anais do I Ciclo de Estudos do Discurso: repensando conceitos e objetos na obra de Michel Foucault. Goiânia, 2010a.

CURCINO, L. Mutações do suporte e dos gêneros discursivos: indícios de mudanças da leitura e dos leitores? In: AGUIAR, V.T; CECCANTINI, J. L. (orgs.) **Teclas e dígitos: leitura, literatura e mercado**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010b. p. 13 – 23.

CURCINO, L. Os sentidos do olhar: o leitor e a escrita da mídia nas sociedades democráticas. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011a. p. 183-193.

CURCINO, L. **Princípios de não homologia entre o verbo e a imagem: breve análise de uma estratégia de escrita da mídia**. Estudos Linguísticos, São Paulo, n. 40, vol. 3. set-dez 2011b. p. 1398-1407. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1262>. Acesso em: 05 jul. 2020.

CURCINO, L. Suporte e sentido: questões de leitura e análise do discurso. In: Gregolin, M.R.V.; Kogawa, J. M. (orgs.) **Análise do discurso e semiologia: problematizações contemporâneas**. Araraquara: Laboratório Editorial / São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 189-205.

CURCINO, L. **Divisões e representações sociais de leitores no Brasil: Uma análise de discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros**. [Relatório Científico de Pós-doutorado 2016-2018 UNICAMP- Campinas / UVSQY-Versailles-França]. *mimeo*, 2018.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de António Fernando Cascais. 3.ed. S/I: Vega,1992. MAINGUENEAU, D. A fala sentenciosa. In: MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução Sírio Possenti [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2014a. p. 83-99.

MAINGUENEAU, D. Web e aforização: o caso do *Facebook*. In: MOMESSO, M. R. et al. (orgs.). **Das práticas do ler e escrever: ao universo das linguagens, códigos e tecnologias**. Porto Alegre: CirKula, 2014b.

MOSS, A. **Les recueils de lieux communs : apprendre à penser à la Renaissance**. Genève, Droz, 1993.

PIRES, H. Rui Barbosa e os livros. **Conferência na Casa de Rui Barbosa**, a 5 de Novembro de 1938. 5ª edição, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/924/1/Pires%2C%20Homero%20-%20Rui%20Barbosa%20e%20os%20livros.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ROSIN, P. **Peculiaridades do exercício da função autor em redes sociais: uma análise discursiva de ‘mensagens compartilhadas’ pelo Facebook**. Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar) 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9064>. Acesso em: 10

jan. 2020.

ROSIN, P; CURCINO, L. **Peculiaridades do exercício da função autor: uma análise discursiva de “mensagens compartilhadas” no Facebook.** Revista Estudos Linguísticos. v. 44, n. 3, São Paulo, set-dez de 2015. p. 1155- 1167. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1046/648>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Recebido em 29 de setembro de 2020.

Aceito em 20 de outubro de 2020.